

Malan diz que Brasil está fortalecido

Paulo Silva Pinto
Da equipe do **Correio**

No momento em que a economia brasileira está no centro das atenções no mundo, o ministro Pedro Malan tornou-se alvo inevitável de olhares globais. Ontem ele pôde experimentar literalmente essa sensação mais uma vez, mesmo sem estar em Washington. O ministro almoçou na Embaixada da Suíça, em Brasília, com os embaixadores da Suíça, Áustria, Canadá e dos países escandinavos (Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca).

Ex-diretor do Banco Mundial, ex-funcionário da Organização das Nações Unidas (ONU), Malan exerceu um de seus papéis prediletos: o de diplomata. À semelhança de quem trabalha no Itamaraty, enfatizou da soberania brasileira na condução da crise financeira.

Segundo o ministro, o País conseguiu, no encontro do Fundo Monetário Internacional (FMI), na semana passada, afastar a idéia de que medidas externas poderiam ser impostas — o Brasil terá soberania para conduzir as soluções. A conversa de ontem foi reservada ao ministro e aos embaixadores, mas não é difícil conhecer o tom do que

foi dito. Basta recorrer a um pronunciamento que Malan fez há uma semana na Embaixada do Brasil em Washington, onde estava para o encontro do FMI.

“Eu nunca pedi desculpas a ninguém por considerar o Brasil um país em desenvolvimento relevante (...), um país com grau de sofisticação de seu mercado financeiro, integração comercial e tecnológica e recepção de investimento direto”, disse o ministro.

DIPLOMACIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso foi mais incisivo em seu discurso pós-eleitoral, na semana passada. Afirmou que ele sempre considerou mais importante para o Brasil conseguir ser ouvido nas discussões sobre a reformulação do sistema financeiro internacional do que obter um assento no Conselho de Segurança da ONU, antiga reivindicação da diplomacia brasileira.

Malan afirmou ontem à platéia de embaixadores que os encontros de Washington resultaram quase em consenso sobre a necessidade de reformular as operações financeiras no mundo, principalmente aquelas que atravessam fronteiras.

Em seu pronunciamento na capi-

tal norte-americana, ele lembrou que a posição brasileira em relação à necessidade de ampliar controles sobre os fluxos de capitais, defendida há vários anos, foi finalmente aceita pela maioria. Na reunião anterior do FMI, em Hong Kong, “parte dessas instituições estava advogando a total conversibilidade das transações na conta de capitais”. Ou seja, a maioria queria reduzir a zero o controle sobre movimentação de capitais.

O ministro citou ontem aos embaixadores mais duas conclusões do encontro de Washington. A crise não é mais asiática ou russa: tornou-se sistêmica, ou seja, o mundo todo descobriu que está no mesmo barco. E as soluções estão mais no trabalho de prevenção, para evitar o alastramento da crise, do que na competência em apagar o fogo.

Um “divisor de águas”, segundo Malan, na compreensão de que todos podem ser afetados está em um fato recente: a insolvência do fundo Long-Term Capital Management, no mês passado. O Banco Central de Nova York viu-se obrigado a ajudar esse fundo de investimento de riscos a honrar dívidas, para evitar a quebra de vários grandes bancos que atuavam com o Long-Term.

Gláucio Dettmar 19-11-97



Malan avisa: a crise não é mais asiática ou russa. É de todo o mundo